FLORES NO SÓTÃO

Toda noite sonho com uma menina. Todo lugar que vou, lá a encontro. Com o mesmo vestido florido e tranças no cabelo. Nas mãos traz um pequeno vidro. Não vejo claramente o que está ali, mas ao tomá-lo em minhas mãos noto uma impaciente borboleta. A menina segue seu caminho com tranquilidade, seguindo a multidão pelas ruas de Nova York, Madri e Porto Alegre. Ansiosa, luto para libertar aquela vida que agora está em minhas mãos. O passo das pessoas a minha volta acelera, acompanhando minha respiração sofrida. A luz é cada vez mais forte, assim como a pressão em minha cabeça. A claridade me faz cega e tudo o que vejo é branco. Acordo buscando por ar, com as mãos doloridas por conta da força feita no sonho para abrir aquele simples potinho. A dor de cabeça permanece comigo. Os dias passam, mas a menina sempre volta. Somente agora entendo aquelas borboletas. Elas não precisam de liberdade. Estavam onde deveriam estar. Pertencem naquelas paredes de vidro, contentando-se em observar o mundo dali. Estão seguras. Boba fui eu, em querer libertá-las. E libertá-las para que? Para morrer, só pode. Não entendia que quem devia ser liberta era eu mesma. Afinal, as paredes de vidro nunca foram uma ameaça e a tampa esteve sempre aberta.

Ele sobe as escadas correndo ao ouvir o barulho. Ao entrar no quarto já sabia o que encontraria: o corpo da irmã ao lado da cama, a arma na mão. Acompanha o caminho que o sangue faz na pele branca, encharcando o tapete. No canto do quarto uma pilha de potes, de todos os tamanhos, todos de vidro e cuidadosamente fechados. Dentro de um deles vê a carta. Corre para alcançá-la e sorri ao terminar de ler. Percorre o quarto com o olhar, notando as borboletas de papel vermelho penduradas junto à janela. O céu está claro e a claridade também o cega, enchendo-lhe os olhos de lágrimas. É mais uma borboleta inquieta, debatendo-se em suas paredes de vidro.